

José d'Encarnação

EPIGRAFIA E ETNOLOGIA
ACORDES PARA
VIEGAS GUERREIRO

Stilus nº3
Jul. / Dez. 2000

EPIGRAFIA E ETNOLOGIA

- *ACORDES PARA VIEGAS GUERREIRO*

*por José d'Encarnação **

Quem reparar que, no currículo de Viegas Guerreiro, consta a sua passagem, ainda que efémera (entre 25 de Abril de 1974 e 16 de Junho de 1975), pela direcção do actual Museu Nacional de Arqueologia, poderá ficar admirado.

Está bem que foi em período revolucionário; está bem que, nessa época, o museu se designava ainda de Arqueologia e Etnologia; não se olvidará ainda que, estatutariamente, tinha ligação umbilical à Faculdade de Letras de Lisboa, de que se considerava natural prolongamento didáctico, com vista às aulas práticas – e, por isso, seria óbvio chamar-se um reconhecido Mestre daquela Escola para o dirigir.

No entanto, se descontarmos a figura multifacetada do seu criador, José Leite de Vasconcellos, sempre o Museu privilegiou a Arqueologia e sempre as colecções etnológicas ali reunidas estiveram em permanente jeito de abalada para um outro qualquer museu mais adequado a correcta exposição e satisfatório usufruto. Os directores recrutaram-se, conseguintemente, na esfera da Arqueologia. Viegas Guerreiro constituiu notável excepção – em tempos conturbados.

Guardo de Viegas Guerreiro uma recordação saudosa e, atrever-me-ia a dizer, de uma certa “cumplicidade”, que outro termo não encontro.

Primeiro, porque tive a sorte de ser seu aluno na cadeira de Etnologia Geral, quando pela primeira vez a regeu, em substituição de Jorge Dias, precoce e repentinamente arrebatado do nosso convívio. Uma responsabilidade que com todo o gosto assumiu, transmitindo-nos, em aulas que eram sempre um encanto, a alegria da investigação.

Regressara havia pouco (creio) do convívio com os Bosquímanes, tribo angolana que seria tema da tese de doutoramento. Deliciava-nos com as

histórias e as peripécias da sua vida lá. Os Bosquímanes falavam por meio de estalos, parecia que tinham seixos na boca (como não recordar as suas imitações?). E eram vegetarianos. E tinham do tempo e da vida uma concepção muito diferente da pressa em que o Europeu já nesses (longínquos?) primórdios da década de 60 se começava a deixar enlear. Adorei a cadeira e assim nasceu a tal cumplicidade de homens do Sul. Havia, nessa altura, na Faculdade de Letras, um grupo de algarvios – em que, por exemplo, se integrava Lúcia Jorge – que não desdenhava fazer gala do seu ímpar torrão natal.

Depois, Viegas Guerreiro morava em Paço de Arcos. Daí que, em ocasionais circunstâncias, mormente no comboio, nossos caminhos se fossem cruzando, designadamente após eu ter abraçado também a carreira universitária na área de Arqueologia. Cimentou-se uma Amizade profunda.

E, desde sempre, os ensinamentos do Mestre não deixaram de estar presentes: o respeito pelo Outro, ainda que muito diferente; a observação atenta da realidade e dos comportamentos até ao ínfimo pormenor significativo; o espírito de grande tolerância.



Na Ásia antiga, monges budistas consignavam ensinamentos e histórias em frágeis folhas de palmeira.

Foto obtida no pavilhão do Sri Lanka (Expo 98).

E a interdisciplinaridade.

Daí que, neste volume de homenagem, decerto venha a propósito referir como duas disciplinas à primeira vista tão díspares detêm relevantes pontos comuns.

Estuda a Epigrafia os monumentos - funerários, votivos, monumentais, honoríficos... - e os objectos de uso quotidiano (privado e oficial) que ostentam inscrições.

Constitui objecto genérico da Etnologia a minuciosa descrição dos costumes de um povo e a explicitação do seu significado em contexto.

Ora, não há povo sem escrita - por mais estranha, simplificada, esotérica que ela seja.



Estela maia descoberta em 1996, datada do ano 90 d. C. (pasmem-se!) exposta em destaque no Pavilhão da Guatemala (Expo 98). Decifrou-se-lhe a escrita (os glifos): aí se homenageia o herói guerreiro e seu pai e se relatam seus feitos célebres.

E o acto de escrever sempre deteve, independentemente do suporte ou exactamente devido a ele, independentemente do que se escreve ou exactamente devido a isso, um carácter “mágico”, ritual. Por isso que, ao falarmos do Antigo Egipto, nos surja amiúde ao pensamento a imagem do escriba e o mistério dos hieróglifos...

Para compreendermos a época romana, o recurso aos monumentos epigráficos torna-se, pois, imprescindível. Primeiro, porque, além de abundantes, eles abordam os mais variados aspectos do dia-a-dia; depois, porque sendo mensagem pensada, gravada em material

duradouro, pressupõe toda uma filosofia intencionalmente transmissível aos vindouros.

Atente-se que, desta sorte, o monumento epigráfico não pode, para cabalmente o compreendermos, ser desgarrado do contexto para que foi pensado. Ao epigrafista compete, em consequência, através da análise da sua tipologia e do modo como o texto se apresenta paginado, definir com a precisão possível o contexto em que ritualmente se integrou.



Achou-se, numa das portas de *Bracara Augusta*, um altar dedicado aos *Lares Viales*, divindades que superintendiam na caminhada. Ostenta, na parte superior, uma cavidade – o *foculus* – ainda com vestígios de aí se haverem queimado essências. E logo imaginamos o romano que sai, em viagem de negócios ou de prazer, e que ali se queda por instantes, numa prece, a implorar salvaguarda. Tal como se passa pela Capelinha das Aparições e se acende vela à Senhora. Tal como, na Grécia bizantina, se entra no templo e se osculam os ícones das nossas devoções...

A aljava da ara à deusa Diana de que se fala no texto. Provém de Loulé e está no Museu Nacional de Arqueologia. Foto de J. M. Bairrão Oleiro.

Ostentam algumas estelas funerárias romanas a cena dum banquete. Quiçá a figura central retrai (ou simbolize) o próprio defunto, reclinada em repousante repasto, servido por familiares, escravos ou amigos. O epigrafista realçará o significado: mesmo no Além, o defunto requer convívio, companhia:

– «A vida é breve; frágil, a esperança! Entrai! O lume está aceso. Enquanto houver luz, vamos beber, amigos!», reza a inscrição gravada num copo achado em Klagenfurt, na Áustria, em ambiente funerário.

E a alma sentir-se-á reconfortada se o passante lhe disser:

- *Sit tibi terra levis!*, «Que a terra te seja leve!», «Descansa em paz!».

O etnólogo, ao invés, sem menosprezar esses aspectos, incidirá a sua análise nas vestimentas, nos adereços, nas posições ritualmente estudadas... - e fará comparações com rituais outros, actuais e antigos, europeus e asiáticos.

Escava-se em Murches (Cascais) uma sepultura romana. O arqueólogo nota miudamente os estratos, a posição dos objectos e sua tipologia, a exacta orientação em que encontrou as ossadas (antes de o antropólogo as vir levantar) ou a urna cinerária. O epigrafista atenta naquele vaso que invulgarmente detém, de cada lado do bojo, dois grafitos em siglas – M. I. S. e M. I. F. – e reflectirá sobre o seu significado, certamente a identificação dos utilizadores (*Marcus Iulius Severus? Marcus Iulius Felix?*), uma marca de posse? Ao etnólogo interessará, sobremaneira, o ritual da inumação ou da cremação, a orientação do monumento, a utilidade dos vasos na vida e na morte, o simbolismo profundo daquela lucerna ali, numa vontade de dissipar escuridões...

Foi encontrado, em finais do século XIX, reutilizado na torre da igreja matriz de S. Clemente (Loulé), um altar de calcário, cuja inscrição reza que foi dedicado por *Fonteius Philomusus*, em consequência de promessa feita a uma divindade que vem identificada por meio de siglas: D. S. S.

O epigrafista – desconhece-se o contexto do achamento – data-o pelas características paleográficas das letras (século II da nossa era?) e mira-o cuidadosamente na perspectiva de decifrar significados. Lateralmente, há, em baixo-relevo, uma aljava (à esquerda) e um arco de caça (do lado direito).

Conclui: *D(ianae) S(ilvestri) S(acrum)*. O ex-voto está consagrado à deusa Diana, que preside à caça. Também poderia ser *D(eo) S(ilvano) S(acrum)*. E, nesse caso, a divindade seria Silvano, que reina nos bosques; mas é menos provável. O dedicante detém um cognome (*Philomusus*), de origem grega, que denuncia um primeiro estatuto servil, de que eventualmente, inclusive por intervenção da deusa, logrou sair, devido aos seus méritos, ao pecúlio acumulado ou à generosidade do dono (ora *patronus*). Em preito de homenagem, Filomuso erigiu imorredora oferenda.

O etnólogo, por seu turno, ouvirá o epigrafista, sim, mas a sua atenção dirigir-se-á de modo particular para a representação do arco e da aljava: estilizações? Cópias do quotidiano? Como funcionavam? Para que serviam? De que material seriam feitos? Que significado terá a sua representação aqui? Que ritual estará por detrás deste aparentemente singelo monumento?...

Epigrafistas e etnólogos, a mesma preocupação.

É que - por detrás do objecto, do monumento e da escrita - houve o pensamento de um homem que vivia em sociedade.

Daí que o epigrafista tenha ousado estes acordes *in memoriam* do etnólogo Manuel Viegas Guerreiro.